



Manifesto PPRI

Está colocada a tarefa de ajudar as massas a romper com a hipocrisia democratizante e a colaboração de suas direções com o governo *Lula cúmplice do genocídio*

O assassinato de dois funcionários da embaixada israelense nos EUA foi caracterizado pelo estado sionista e o governo Trump como “terrorismo” e “antisemitismo”. Segundo a polícia, o autor do crime, Elias Rodriguez, gritou “*Palestina livre*” ao ser preso e diz que cometeu o ataque “*pela Palestina, por Gaza*”. Soube-se que o funcionário da embaixada, Yaron Lischinsky, era um ex-membro das IDF (Forças de Defesa de Israel) e atuou em ataques militares contra palestinos. Ao mesmo tempo desse assassinato eram massacradas em seu lar nove dos dez filhos da médica pediatra palestina, Alaa al-Najjar, enquanto trabalhava no hospital que é bombardeado diariamente pelos sionistas. A morte dessas nove crianças é caracterizada por governos e a mídia monopolista não como atos de terrorismo ou genocídio, mas de “causalidades” indesejadas da guerra.

Há nesses dois atos uma motivação política e um conteúdo de classe. A ação de Rodriguez expressa o desespero e a impotência de indivíduos isolados que rejeitam o genocídio, mas acham-se desprovidos de um programa e estratégia claros para combatê-lo. O massacre da família de Alaa al-Najjar é parte de um plano terrorista praticado por um estado genocida visando a limpeza étnica e aplicar uma

“solução final” ao estilo nazista contra um povo oprimido, objetivando tomar posse de seus territórios e explorar em seu proveito as riquezas naturais e as terras. É precisamente essa distinção e delimitação de classe e política o ponto de partida para um revolucionário se posicionar perante esses fatos, mas, sobretudo, para definir as tarefas colocadas na sua atuação na luta de classes.

Lênin jamais condenou moralmente o terrorismo individual praticado por socialistas revolucionários contra funcionários czaristas. Os compreendia como manifestações desesperadas de indivíduos contra os crimes de classe praticados pelo regime contra os operários, camponeses e nacionalidades oprimidas. Defendeu-os perante a repressão e contra as “condenações morais” de seus opressores, embora jamais compactuou com seus métodos por não expressar os métodos e a estratégia revolucionárias. A ação de Rodriguez não expressa a luta pelo programa da libertação da Palestina da opressão e genocídio sionista com os métodos e estratégia proletárias. Mas, os oprimidos lembrarão que foi um ato de justiça contra um genocida e rejeitarão a moral burguesa que pretende condenar a ação e métodos dos oprimidos. O mesmo delimita a posição dos governos perante a

genuína e legítima defesa armada dos palestinos em luta pela sua libertação e autodeterminação. Quem os rotula de terroristas está na trincheira imperialista e sionista, porque justificam o suposto direito desses a massacrar povos e nações em proveito dos negócios e lucros do capital financeiro e monopolista.

Não há como, portanto, fugir a uma clara posição de denúncia do suposto “terrorismo antisemita” de Israel, EUA e aliados. O que significaria ajudar a naturalizar os métodos do holocausto palestino e caracterizar as vidas ceifadas aos milhares dos palestinos, como justificáveis do ponto de vista histórico, religioso, moral ou econômico. Principalmente agora, quando há uma ofensiva geral do sionismo para apagar definitivamente os palestinos do mapa e roubar seus territórios e recursos. E fundamentalmente quando se desfecha perante nossos olhos a maior operação de limpeza étnica deste século, só comparável ao holocausto judeu pelos nazistas. Vimos como meio milhão de manifestantes na Inglaterra exigem a ruptura total entre o governo britânico e Israel; mas também a retomada dos protestos por toda Europa que acirram o choque entre os explorados e seus governos e burguesias.

As massivas manifestações; as ocupações de fábricas

continua |>

cas sionistas e da indústria militar; o bloqueio de portos e de envio de armamentos e mercadorias a Israel; os ataques dos Houthis e a tenaz e corajosa resistência palestina são elos da luta das massas contra a opressão, e manifestam-se com processos interligados pelo seu conteúdo instintivo de ser uma manifestação para acabar com toda forma de opressão. A batalha dos palestinos pela Palestina livre não é apenas dos palestinos para sua sobrevivência, mas é parte da guerra civil que a classe operária deve travar para acabar com a barbárie capitalista que ameaça afundar a humanidade sob os escombros e os ossos de milhões dos povos, nações e classes oprimidas. O “crime” de Rodriguez se inscreve nesse quadro de alta da luta de classes e de completa barbárie capitalista. Expressa a revolta dos explorados e oprimidos contra a cumplicidade de seus governos no genocídio palestino, mas é também um claro sinal do abismo que existe entre a solidariedade internacionalista dos oprimidos na defesa dos palestinos e a ausência de uma direção revolucionária capaz de elevar esse instinto ao programa da derrota do sionismo e dos governos que o apoiam e financiam.

No Brasil, as direções sindicais e políticas que defendem o governo burguês de Lula - que continua mantendo relações econômicas, diplomáticas e acadêmicas com o estado e a burguesia genocidas de Israel - fazem malabares entre apoiá-lo destacando sua “denúncia” do genocídio e acobertá-lo por sua cumplicidade com o genocídio. O defendem ainda mais acirradamente depois de “seus” parlamentares aprovarem junto da ultradireita o “Dia da amizade” entre Brasil e Israel. Justificam essa capitulação e subordinação ao sionismo como manobras diplomáticas e políticas em meio ao avanço da ultradireita, e que é preferível o governo Lula para os palestinos antes de um governo como o de Bolsonaro. Como se

em um genocídio se poderia “justificar” pessoas e governos por se o apoiam mais ou menos. Veja como à dupla moral do governo que denuncia Israel - mas mantém os negócios e financiamento que ajudam esse estado genocida a seguir trucidando palestinos - lhe corresponde à dupla moral de parlamentares e a hipocrisia das correntes governistas que acreditam que é possível defender os palestinos e proteger o governo que concilia e financia seus verdugos.

Em meio ao genocídio não pode haver entre aqueles que defendem a vitória dos palestinos uma posição intermediária ou desculpas hipócritas. Há se dúvida um genuíno sentimento de solidariedade com a luta palestina entre muitos que defendem o governo Lula, mas não se pode ocultar que é criminosa sua atitude política de defender incondicionalmente um governo que segue alimentando a maquinaria assassina sionista. A vida e os direitos dos palestinos são mais importantes que os cálculos eleitorais para 2026. Pouco servirá a governabilidade de um governo que financia com bilhões o sionismo (que além disso destrói direitos, reduz salários, recorta orçamentos de saúde e educação etc.) à luta dos palestinos se não existem medidas e ações que ajudem a estrangular e derrotar de fato Israel. Se para a vitória dos palestinos em sua luta é necessário romper com o governo e o combater abertamente, então é o que devem fazer todos aqueles que gritam a viva voz que os palestinos devem vencer e o sionismo ser erradicado.

O governo burguês de Lula nunca tomará a decisão de romper com Israel até que as massas o obriguem com seus métodos próprios de luta. Entretanto, o principal obstáculo para isso reside nas manobras oportunistas e criminosas das direções que se negam a organizar uma ampla campanha ao interior dos

sindicatos para que se tomem medidas de ação direta contra os sionistas em nosso país. É urgente que a classe operária e os demais oprimidos conquistem sua independência de classe, rompam de vez com os governos e instituições da burguesia e joguem na lata do lixo as direções e correntes que colaboram com governos e patrões, assumindo os métodos e da estratégia revolucionária e socialista.

Assim como a palestina será definitivamente livre com a derrota e destruição do estado sionista e enclave estadunidense de Israel até seus cimentos, erguendo sobre suas ruínas um estado Palestino uno e socialista, finalmente livre de toda forma de opressão social e nacional, e parte da luta pelos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio conquistadas pelas massas árabes com a revolução proletária, o Brasil será um farol para a luta internacionalista e a solidariedade ativa em defesa dos palestinos e de todos os povos e nações oprimida quando derrubar os governos e destruir o estado burgueses expropriando a burguesia e transformando os grandes meios de produção em propriedade nacionalizada, constituindo o Estado operário sobre a base do governo operário e camponês, fruto da revolução e ditadura proletárias.

Enquanto essa tarefa histórica não for cumprida, não haverá como a genuína revolta e ódio dos explorados e oprimidos contra o sionismo e imperialismo converter-se em derrota destes. Está aí colocada em toda sua importância e urgência histórica a tarefa de superar a crise de direção revolucionária construindo o partidos proletário revolucionário e internacionalista nosso país, como seção da IV Internacional (o Partido Mundial da Revolução Socialista), e combater no seio das organizações de massas, das frentes de luta e as manifestações com a estratégia e métodos proletários.

